

FATORES QUE PREDISPOEM A VULNERABILIDADE NA ADOLESCENCIA

Ilka Micheli Freitas Araújo¹; Claryce Monike Pereira Feitosa²; Shirley Kessia Alves Campos²; Gisele Nascimento Silva² Hellen Jacyara Mota Vidal Duarte⁴

Autor (1); Co-autor (2); Orientador (4)

Faculdade Maurício de Nassau, Campina Grande-PB, (ilkamicheli@gmail.com)¹; Faculdade Maurício de Nassau, Campina Grande-PB (clarycemonike@hotmail.com)²; Faculdade Maurício de Nassau, Campina Grande-PB (shirley.campos@hotmail.com)²; Faculdade Maurício de Nassau, Campina Grande-PB (giselensilva24@gmail.com)²; Faculdade Maurício de Nassau, Campina Grande-PB (hellenagra@gmail.com)⁴

Resumo: A adolescência é uma fase em que o indivíduo passa por inúmeras transformações nos âmbitos biopsicossociais e essas mudanças os deixam mais vulneráveis a situações próprias dessa fase, com o corpo e a mente em formação, os mesmos se deparam com diversos fatores de risco como: envolvimento com drogas lícitas e ilícitas, transtornos alimentares, sexualidade precoce, risco de contaminação por DST/AIDS e condições socioculturais. A vulnerabilidade é um coeficiente direto desse ciclo, no qual esses adolescentes encontram-se expostos a situações de perigo que podem interferir gradativamente em suas vidas. O objetivo do presente artigo é detectar na literatura os fatores que desencadeiam situações de vulnerabilidade na adolescência. Para tal, foi realizado um estudo descritivo com abordagem qualitativa o qual buscou na literatura existente, dados e referência bibliográficas, e a escolha dos artigos se deu através do cruzamento das palavras: vulnerabilidade, adolescência e fatores de risco. Após análise dos dados pode se concluir que a adolescência é uma fase de transição da vida humana onde o adolescente passa por diversas situações de instabilidade emocional e física o que justifica a sua exposição a situações de risco e vulnerabilidade.

Palavras-Chave: Adolescentes; Vulnerabilidade e Fatores de Risco.

Introdução: A adolescência é definida como período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização mundial da Saúde (OMS), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o período abrange a idade entre 12 e 28 anos. Porém não é só pela idade que se identifica essa etapa da

vida na qual o indivíduo transita da infância para a fase adulta, período este marcado pela maturação, pode-se perceber mudanças visíveis como alterações corporais, comportamentais, culturais e biológicas. Segundo pesquisas recentes do IBGE trinta e cinco milhões de brasileiros são adolescentes, correspondendo assim a 21% da população

total do país. Observou-se que grandes parcelas desses indivíduos encontram-se expostos a situações de vulnerabilidades, que compreende o agrupamento de fatores de caráter socioculturais, biológicos e epidemiológicos, sua influencia expande ou restringe o risco ou a preservação de uma pessoa por conjuntura de uma determinada doença, risco ou danos e sobrepor o conceito clássico de fatores de risco.

Metodologia: Trata se de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, descritivo. A pesquisa foi realizada através do cruzamento das palavras-chaves Vulnerabilidade, adolescência e fatores de risco. Obtendo por base 32 artigos encontrados na base SCIELO (Scientific Eletronic Library Online) e GOOGLE ACADEMICO. A amostra foi selecionada de 09 artigos após a seleção de critérios de inclusão. Como critérios de inclusão, artigos, relato de experiência, artigo de revisão bibliográfica, no idioma português, no período compreendido entre 2008 a 2015, textos gratuitos, completos e disponíveis. Ambos analisados a luz da literatura

Resultados e discussões: Os coeficientes de riscos interferentes na multidisciplinaridade do desenvolvimento dos adolescentes abordados nessa revisão por meio de análise dos indicadores referentes às condutas de riscos, se expressa integrado às influencias: exposição com drogas licita e/ou ilícitas; maturação sexual; gravidez na adolescência; violência intrafamiliar e/ou na sociedade; transtornos alimentares; fatores psicossociais; dificuldade do acesso a escola; pobreza; além da questão preventiva de DST/AIDS.

As drogas são um problema mundial que tem tirado a vida de milhões de jovens e assolado muitas famílias, pesquisas apontam que cerca de 24,7% dos jovens entre 10 e 17 anos já experimentaram algum tipo de droga, estatística essa considerada alarmante. Com o corpo e a mente ainda em formação, as drogas ilícitas e licitas são compreendidas como fatores de grande influencia no desenvolvimento humano, dentre eles podemos enfatizar os psíquicos (transtornos comportamentais e/ou emocionais, dependência e déficit cognitivo) e físicos (descuido da aparência e retardo do desenvolvimento corporal). Os drogadictos são considerados infratores, pois o uso dessas substancia caracterizam crime. A forte tendência grupal e o desejo da aceitação pode ser considerada como elo de ligação entre o adolescente e as drogas.

Os fenômenos que influenciam a Maturação Sexual apresentam mudanças quanto à velocidade e magnitude na adolescência. A puberdade é um processo de maturação hormonal onde ocorrem várias modificações, é um período lento, gradual e evolutivo e que acontece tanto o aceleração, quanto o desaceleração de hormônios. A avaliação da Maturação Sexual é um dos principais métodos avaliativos em adolescentes, os fenômenos que estão ocorrendo nesta fase e as possíveis patologias a ela associado. Nos meninos esse ciclo é evidenciado por aumento do volume testicular, desenvolvimento das genitálias, surgimento de pelos pubianos, axilares e faciais, pico de velocidade em estatura, produção de esperma. Já nas meninas são indícios peculiares desta fase o desenvolvimento do broto mamário, a

menarca, aparecimento dos pelos pubianos e axilares, pico de velocidade em estatura, estagio adulto de mamas e pelos. Enfim, esta maturidade sexual ocorrida nos adolescentes, ocasionam modificações anatômicas e fisiológicas que transformam a criança em adulto. Refere-se ao período que vai do surgimento dos caracteres sexuais secundários e início da aceleração da velocidade de crescimento estatural, até o desenvolvimento físico completo (função reprodutora já estabelecida e para do crescimento). A maturação sexual é um processo onde o adolescente está susceptível a vários riscos, em consequência do turbilhão de mudanças que estão ocorrendo em seu organismo. A prática da sexualidade na adolescência pode prejudicar a vida do adolescente, encontrando-se em jogo: gravidez precoce, aborto, doenças sexualmente transmissíveis e vários outros aspectos. Isso torna urgente a educação sexual entendida como procedimento primordial de proteção e prevenção. Todos os componentes sociais e associações interligadas estão convocados para esta missão, sendo imprescindível o raciocínio e a prudência, como também o debate sobre sexualidade. Famílias desestruturadas contribuem para o esgarçamento da personalidade, tornando a população adolescente mais tênue e vulnerabilizada, podendo dessa maneira beneficiar a incorporação do risco. No século atual o não comparecimento dos pais (mesmo quando presentes), a ausência de conversação encoberta pelo embuste da pouca desocupação, deixam esses adolescentes a mercê de outros “orientadores”, como: rádio, televisão, internet... Diversos escritores constataram que o caso de jovens terem ensinamento sobre sexualidade não influenciou a sua

deliberação de iniciar a vida sexual, sucedendo, no entanto, entre elas, um mínimo número de gestações; a literatura evidencia que adolescentes que receberam aulas de orientação sexual usaram preservativos em superior proporção. Com a finalidade que a educação sexual deixe de ser um mero argumento de discurso e se operacionalize na realidade, é significativo que educadores como: familiares, professores, profissionais da saúde e principalmente a mídia, se conscientizem de determinados aspectos que incluem considerações éticas. O fundamental deles envolverá o pensamento sexual, não mais fitado como sinônimo de sexo ou relação sexual, mas sim entendida como característica do processamento da personalidade do adolescente.

Com maturação sexual, a menina evolui para mulher, exigindo com isso uma manifestação de sua nova identidade, o que proporciona questionamentos, ansiedades e mudança afetiva. A gestação na adolescência, é um fator que hoje amedronta o futuro dos jovens, considerando as ameaças físicas, emocionais e sociais dela resultante, alcança tamanha dimensão que é considerada um problema social.

A gravidez nessa fase da vida é, em geral, encarada com complexidade, sendo relativa a fatores característicos, da faixa etária e adventício, como socioculturais e econômicos, nessa categoria é evidenciada que a sexualidade prematura, assim como a adição em atividades sexuais, com parceiros eventuais, fixos ou múltiplos. Mais um aspecto apontado, é a intervenção grupal típica dos adolescentes, que são condicionados a seguir o hábito coletivo ou mais aceito pela sociedade (SOUZA,

2015). Essa fase é vivida como momento de negações. É um atraso em seu desenvolvimento, a ausência de identidade, a suspensão dos estudos, a perda da confiança por parte da família, muitas vezes o abandono pelo companheiro, da falta perspectiva de futuro e, por fim, a perda do respaldo familiar. O conjunto desses problemas faz com que o desejo de provocar aborto seja alimentado em sua mente, são cogitados também nesses casos o suicídio ou entrega da criança para adoção. Acarretando assim mais uma série de problemáticas. A gestação é tratada dentro de conceitos mais amplos como de vulnerabilidades sociais, individuais e programáticas, que devem ser aprimorados de forma inter e multidisciplinares pelos setores de saúde, assistência social e educação, que configura a gravidez na adolescência como circunstâncias de vulnerabilidade. (MOREIRA, 2007)

As doenças sexualmente transmissíveis são dominantes na adolescência e auxiliares na contaminação pelo HIV, as DST/AIDS são doenças cujo agente etiológico apresenta se vivo e transmissível e sua infecção pode ser vinculada a um vetor, ambiente ou indivíduo. (TAQUETTE et al, 2014).

Hoje se tornou um grande problema de saúde pública que afeta cada vez mais os jovens com idade entre 15 e 21 anos, temos como alguns dos fatores que propiciam o contágio de DST/AIDS a baixa idade das primeiras relações sexuais, a falta de informação referente a realização do ato sexual, a variabilidade de parceiros e o uso de drogas ilícitas. Temos também como fatores agregados a essa problemática, o atraso escolar, a utilização de álcool e tabaco, histórico de abuso sexual e o não

usam de preservativo. (AMORAS et al, 2015)

O que pode se observar muitas vezes a esses jovens é a falta do conhecimento real e concreto da coisa propriamente dita, pois muitos relatam conhecer de uma forma geral sobre o tema, porém o entendimento destes mesmos é insuficiente, outra grande questão que influencia muito esse fator de vulnerabilidade é a vergonha em discutir o assunto, o que prejudica muito no esclarecimento de dúvidas, impossibilitando assim o adolescente de receber instruções essenciais a prevenção de doenças. Outra razão que tem forte indicio ainda entre esse público é uma espécie de crença, onde se relata por várias vezes a frase: o problema nunca vai acontecer comigo. O medo da contaminação parece não ser o bastante para que eles adotem medidas de proteção, tais como: não se relacionar com múltiplos parceiros, não fazer uso de drogas, principalmente se for injetável, não compartilhar agulhas e seringas uma vez que essa tenha sido utilizada anteriormente, nunca se esquecer de usar preservativos, mesmo em caso de sexo oral. O conhecimento e a informação sobre uma determinada doença instituem elementos fundamentais para admissão de medidas de prevenção. Muitas vezes a falta de orientação sexual em casa pelos pais e/ou responsáveis e nas escolas que tratam esse assunto como um tabu, atitude esta que acarreta também uma série de problemas, pois esses adolescentes crescem com muitas dúvidas e em muitas circunstâncias procuram essas informações em locais errados ou com pessoas erradas, muitas vezes da mesma idade, como amigos que já iniciaram a vida sexual, sem experiência alguma sobre o assunto e que

por vezes os incentivam a fazer algo de maneira precipitada. Esse é um grande exemplo de vulnerabilidade que está diretamente relacionado com a saúde pública. (LUNA, 2013).

A discrepância e a veemência da modificação corporal na maioria das vezes esbarra com o adolescente despreparado e isso consegue deixá-lo ainda mais apreensivo e vulnerável. Nessa etapa, a ânsia de se sentir aceito pelos pares e elucidar sua identidade podem ser princípios facilitadores para distúrbios alimentares. Em geral, esse público é persuadido por fortes de vertentes sociais e culturais que propaga a magreza exorbitante para as mulheres e o corpo forte e musculoso para os homens. Esse cenário ainda se intensifica, devido ao próprio desejo desses jovens de se moldar dentro desses métodos de beleza exposto pela mídia e priorizado pelo grupo, conduzindo o público a sentir dificuldade de compreender e enfrentar seu novo universo físico e mental. No meio de tantos elementos que sofrem transformações, que necessitam de soberano olhar nessa fase da vida, descontentamento corporal tem preenchido um lugar relevante nesse contexto. A busca pelo estado físico, tido com ideal pela sociedade, é um dos mais preponderantes fatores para desencadear transtornos alimentares. Esse quadro se agrava nos indivíduos adolescentes, uma vez que esse público não aprova integralmente sua aparência física, conduzindo a um declínio em sua autoestima e comprometendo o autoconceito, o que conduz estes jovens a tomar medidas exageradas no que concerne os hábitos alimentares, valendo-se de práticas inoportunas de controle de peso, tais como: uso de medicações (diuréticos e

laxantes); dieta sem orientação médica; provocar vômitos; praticar atividades físicas exaustivamente. A busca desgovernada pela magreza pode desencadear doenças, como bulimia e anorexia, ambas tidas como transtornos alimentares. A bulimia é marcada por ocorrências de consumo exabundante de alimentos seguido do sentimento de perda do controle alimentar, tal ingestão exagerada é equiponderante por condutas de expurgo (marcadas por episódios de vômitos auto induzidos, laxantes ou diuréticos) ou não-expurgo, esses comportamentos ocorrem pelo menos duas vezes por semana, por três meses e é apresentada em cerca de 80% dos pacientes com bulimia. A anorexia nervosa é a perda do apetite seguido da resistência em manter o peso dentro dos limites significativamente normais para altura e idade. Esse tipo de transtorno alimentar se expressa em dois subtipos: a restritiva que é marcada pela restrição dos alimentos a pouco ou ausência dos nutrientes e a realização intensa de exercícios físicos com a finalidade de induzir a perda de peso. E o outro subtipo compreende a prática do expurgo, que também é uma conduta marcante, como já citado anteriormente, de pacientes bulímicos, porém o anorético tem como característica peculiar à magreza extrema com peso 15% abaixo do considerado normal. O receio acentuado de ganhar peso ou de se transformar obeso é um fator determinante para desencadear o quadro de anorexia. A pretensão do adolescente em ser aceito e/ou perdurar em tendências grupais, nas quais, em sua maioria, faz apologia a figura da mulher magra como padrão de beleza.

As pessoas são acometidas por uma vulnerabilidade inerente pertinente à própria conjuntura do ser humano e, além disso, por vulnerabilidades circunstanciais resultantes de alguns fatores: dificuldade e/ou falta de acesso à educação, condições de moradia precárias, pobreza, exposição a violência tanto social quanto intrafamiliar. E com os jovens esse quadro é ainda mais elevado, considerando-se, que esse público encontra-se em fase de formação biopsicossocial. As condições de moradia nefasta nas quais muitos adolescentes estão inseridos são favoráveis para suscitar doenças bem como a situação geográfica de risco podem desencadear práticas de violência. Pesquisas apontam que uma boa parte dos adolescentes já vivenciou, inclusive na família, ou praticaram algum ato violento (brigas de rua e colégio). A implantação dos jovens de forma prematura no mercado de trabalho, em sua maioria das vezes, resulta em uma situação que leva esse público a abandonar sua vida escolar, para empenhar-se ao trabalho. Esse cenário é pertinente em famílias com renda salarial baixa, o que motiva esses adolescentes a trabalharem como forma de assessorar na receita da família. Em contrapartida a renúncia escolar é preocupante, pois essa fase da vida deveria abarcar momentos de estudo, lazer, entretenimento. O afastamento escolar é preocupante, pois priva esses jovens de se desenvolverem cognitivamente e obterem informações imprescindíveis para sua vida futura. Um sujeito pode tornar-se menos vulnerável se for capaz de traduzir as mensagens difundidas ao seu redor, e a escola é tida como espaço privilegiado para consecução de aptidão cognitiva e social. É detectado quadro de vulnerabilidade quando o indivíduo demonstra displicência em situações de

perigo, ausência a serviços e/ou informação e falta de autoconfiança para manter ou executar no próprio comportamento (PESSALACIA, 2010).

Considerações finais: Considera-se que o adolescente está exposto a distintas situações de risco, as quais elevam a sua vulnerabilidade biopsicossocial. Podemos mencionar como situações de risco: violência, pobreza, consumo de drogas, limitação ao acesso escolar, gravidez impretendida, sexualidade imatura e desprotegida, más condições de moradias, sofrimento e adoecimento, transtornos alimentares e incorporação antecipada ao mercado de trabalho. Vale salientar que tais acontecimentos ocorrem por diversas vezes de forma concomitantemente e sinérgica. Por conseguinte, esse grupo em estudo deve ser compreendido de modo holístico. Diante das evidências apresentadas no presente estudo entende-se que a sociedade colabora de forma imprescindível na transformação da adolescência para a fase adulta.

Referências:

AMORAS B.C. et al. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP** ISSN 1984-4352 Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, jan.-jun. 2015.

TAQUETTE S.R. et al. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: Estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 37(3): 210-214 mai/jun, 2014.

LUNA I.T. et al. Conhecimento e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre

os adolescentes em situações de rua. **Ciência Cuidado de Saúde**, 12(2): 346-355, abril/jun, 2013.

PESSALACIA J.D. et al. A Vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. **Revista Bioethikos- Centro universitário São Camilo-**, 4(4): 423-430, julh/set, 2010.

SOUZA M.F. et al. Gravidez na Adolescência: aspectos relacionados. **Anais da jornada Científica-Integração: Educação, sociedade e tecnologia**. Tangara da Serra-MT, agosto, 2015.

MOREIRA T.M et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista escola de enfermagem USP**, 42(2):312-20, 2008.

BARBOSA K.B. Influencia dos estágios de maturação sexual no estado nutricional, antropometria e composição corporal de adolescentes. **Revisão Reviw**, nov, 2006.

CHIPKEVITCH E. Avaliação clinica da maturação sexual na adolescência. **Sociedade brasileira de pediatria** supl.2/s 135- vol. 77. Sup 1,2006

DINIZ M.C et al. Maturação sexual em crianças de população de comunidade remanescente de quilombo, Poço dos Trinchens, estado de alagoas. **FIEP BULLETIN-** vol. 82- special editions-ARTICLE II-2012